



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UM ESTUDO DE CASO COM JOVENS DA PERIFERIA

JANDILMA MEDEIROS DE FRANÇA PEREIRA

Introdução

Nesta investigação se estudou as práticas educativas da Oficinaescola existente em João Pessoa, que atuava na preservação do patrimônio cultural edificado através da formação profissional de jovens de baixa renda nos ofícios e técnicas tradicionais de restauração. Seu objetivo principal foi conhecer os resultados efetivos da educação patrimonial oferecida aos ex-alunos, haja vista que a disciplina não era autônoma. Justifica-se a pesquisa por se considerar que o patrimônio cultural é essencial para a população de uma cidade no que se refere à valorização da sua memória coletiva.

Referencial Teórico

Inicia-se com a definição de *memória*, que é relacionada a uma das principais funções da preservação do patrimônio cultural. Para Teixeira Coelho (2004, p. 50), “a memória participa da natureza do imaginário como conjunto de imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano.” Numa abordagem sociológica, Halbwachs se referiu à memória coletiva como fator de coesão dos grupos sociais. Disse que “Nossas lembranças permanecem coletivas, e nos são lembradas por outros. ... Isto acontece porque jamais estamos sós” (2006, p. 30). Afirma que a memória de uma pessoa depende de seu relacionamento com a família, a classe social à qual pertence, a escola, a profissão, etc., ou seja, com todos os grupos de convívio e de referência daquele indivíduo. Então, pode-se deduzir que a memória se forma gradativamente, com uma sucessão de informações, sendo relevante para a formação do cidadão e de sua identidade. Para que o indivíduo reconheça e preserve um patrimônio, é necessário que haja entre eles um vínculo de pertencimento. A esse respeito, Fonseca (2005) diz que através da seleção de bens culturais é possível construir a representação de um povo, respeitando-se a pluralidade cultural, e atuando como reforço de uma identidade. Sendo o povo brasileiro formado por diversas etnias, é uma consequência natural que haja diversas formas de expressão da cultura, e,



segundo Horta; Grunberg & Monteiro, *“estas diversidades culturais regionais contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro”* (HORTA et. al., 1999, p. 7). Outro conceito estudado é o de cultura, e para Brumann (In PELEGRINI & FUNARI, 2008, p. 19), *“A cultura é um conjunto de padrões adquiridos socialmente a partir dos quais as pessoas pensam, sentem e fazem”*. A cultura necessita de interação social, e é nesse sentido que a cultura passa a ser também um patrimônio histórico. Convergem com esse entendimento Santos (2007, p. 44) que define cultura como uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade, e Giddens (2005) que diz que a cultura faz parte daqueles aspectos da sociedade que são aprendidos mais do que herdados, sendo a socialização o principal canal para a transmissão da cultura através do tempo e das gerações. Conseqüentemente, a noção de patrimônio cultural tem sua origem nos sentimentos de memória e de identidade. Os homens têm a necessidade de se identificar com os grupos a que pertencem e o patrimônio cultural comum reforça esta identidade. Funari & Pinsky (2007, p.17) dizem que a construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por quê preservar, e essa preservação resulta de uma negociação entre os diversos setores sociais. Uma das expressões do patrimônio cultural é representada pelo sítio histórico, e ao se reportar aos sítios urbanos, Carrion enfatiza a importância dos centros históricos, dizendo que ele deve ser entendido a partir das relações que o configuram e que lhe dão a sua essência, porque é a partir da particularidade de um centro histórico que se pode dar sentido às preocupações sobre identidade, cultura, desenvolvimento e democracia. Afirma que *“não se deve esquecer que o centro histórico foi alguma vez a cidade toda, portanto síntese da diversidade que a caracteriza. A sua origem e riqueza provem da sua heterogeneidade.”* (CARRION, 2002, p.50). O patrimônio cultural que é conhecido e valorizado pelos indivíduos torna-se mais protegido. Então, com amparo no referencial teórico demonstrado, analisamos nesta pesquisa a junção homem/patrimônio cultural/educação, no que se refere à preservação e valorização do patrimônio cultural, no caso específico dos ex-alunos da Oficinaescola de João Pessoa.

Metodologia

Neste trabalho adotou-se o estudo de caso, pois, segundo Stake, o que caracteriza o estudo de caso não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: *“Estudo de caso*



não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado.” (In ANDRÉ, 2005, pp. 14-18). No mesmo sentido, Duarte (2008, p. 114) afirma que *“a análise de casos, mesmo de casos pouco habituais, pode ser ilustrativa de circunstâncias cruciais para os sistemas e organizações.”* Possui também cunho qualitativo, porque objetiva compreender os fatos, considerando o universo em que os sujeitos estão imersos, seus motivos e aspirações, e seus valores. Os envolvidos são ex-alunos daquela escola, do período de 2003 a abril de 2009, originários de bairros periféricos, com baixa escolaridade, moradores em locais com alto índice de prostituição e violência. Sendo uma amostragem simples, desejava-se entrevistar pelo menos dez por cento do número de alunos das três últimas turmas, com 60 alunos por turma, em média. A pesquisa utilizou as fontes orais, representadas pelas entrevistas, e como fonte documental o Projeto Pedagógico. Os instrumentos foram um roteiro de entrevistas semi-estruturado, e um pequeno questionário para a caracterização da amostra. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme a Resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde. A análise dos dados foi por meio do software estatístico SPSS WIN 15.0. Ao se referirem ao levantamento documental, Laville & Dionne (2008, p. 168) afirmaram que *“documentos não são arquivos ultrapassados, mas veículos vivos de informação”*. Para eles, *“Quando se trata do real humano, tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, mesmo se dificilmente quantificáveis; deixemos falar o real a seu modo e o escutemos”* (2008, p. 43). Então, faz-se necessária a junção dos testemunhos, dos documentos, e sua análise conjunta.

Resultados

Entre abril e agosto de 2010 foram localizados vários ex-alunos, e 27 deles concordaram em participar da pesquisa. A maioria é solteira (55,56%); possuem idades entre 19 e 37 anos, sendo a idade média de 24,48 anos. 59,26% são do sexo masculino e 40,74% do sexo feminino; 59,26% possui filhos. Em relação à moradia, 7,41% mora sozinho, 62,96% com 2 a 5 pessoas e 29,63% com 6 ou mais pessoas. Quanto à escolaridade, 48,15% possui o ensino médio completo e 37,04% o incompleto, e apenas 1 entrevistado (3,70%) está na universidade. A renda familiar prevalente é de até 2 salários mínimos, com 48,15%. Apenas 22,22% deles possuía alguma noção do que fosse patrimônio cultural. O curso oferecido tinha a duração de dois anos, e além das disciplinas e técnicas para o exercício dos ofícios, havia



palestras educativas em relação à saúde (prevenção de DST, gravidez precoce etc), elaboração de orçamentos, e aulas esporádicas sobre o patrimônio cultural da cidade de João Pessoa, pois para restaurar um imóvel era necessário conhecer sua história e o contexto de sua construção. Durante as entrevistas, os ex-alunos declararam: *“Antes de entrar lá eu não tinha tanta sensibilidade pras obras de arte, pras coisas assim, pro cuidado com elas. Eu não atinava pra isso”*; *“ Os monumentos que a gente tem que precisam de manutenção, que precisam ser restaurados para que se salvem, pois não deixa de ser um patrimônio nosso”*; *“Eu não tinha noção nenhuma. Meu olhar mudou totalmente para a questão da obra de arte, para a questão do cuidado com o patrimônio. Eu ia pra igreja e eu acredito que eu não fazia porque eu não frequentava aquelas igrejas, mas eu riscaria tranquilamente uma pedra daquelas porque eu não sabia o valor que aquela pedra tem”*; *“hoje eu compreendo perfeitamente o quanto é importante o patrimônio histórico, e o quanto a gente deve cuidar bem dele. Eu consigo até passar isso hoje pros meus colegas, pros meus alunos, porque hoje eu já estou dando aulas, e isso eu aprendi lá, eu não sabia”*; *“Olhe, de tudo, o mais que eu até hoje levo à risca é o respeito com o patrimônio”*; *“Se for mandar qualquer peão fazer um trabalho de restauração você já viu o que é que acontece com o patrimônio, não é, nós temos tábuas de forros de igrejas que foram usadas como tábuas de andaimes. O pessoal tem que ter um conhecimento na parte de patrimônio histórico pra poder trabalhar com isso, não é qualquer um que pode trabalhar não”*; *“Agora vejo o patrimônio com outros olhos, tudo, ...você olha uma casa assim ..., que tá toda danificada e você pensa oh, a oficina escola ajeitava, ...poderia ajeitar ... você olha com outros olhos”*; *“E cada prédio desse que eu passo, toda vez que eu passo na frente eu me recordo do passado, do meu tempo de aprendizagem, e da satisfação que eu tenho em ter contribuído não é, para o patrimônio, pra história da Paraíba, da gente, que passe pra todo mundo aí, que fique marcado - olhe “X” passou aqui e fez isso. Pelo menos a família reconhece.”*

Em uma rápida análise, observa-se que há uma preocupação com o patrimônio cultural. Pode-se inferir desse resultado que além da qualificação profissional adquirida, houve uma efetiva conscientização dos alunos da importância do patrimônio cultural, ou seja, de uma maneira transversal, sem que fosse o objetivo principal daquela escola, houve um resultado positivo na educação para o patrimônio.



Considerações Finais

Conclui-se que além da efetiva formação profissional ofertada aos jovens em situação de risco social, a oficina escola ainda lhes proporcionou a reflexão sobre a importância do patrimônio cultural, e, a partir de então, passaram a preservá-lo para as gerações futuras, sendo pertinente a relação entre conhecimento e valores humanos, pois uma experiência pessoal, uma atitude/valor pode refletir no grupo, e, após algum tempo, tornar-se uma prática ou identidade social. Espera-se que a divulgação dessa pesquisa possa sensibilizar os gestores das escolas, para que seja inserida nos currículos a educação para o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural, ou Educação Patrimonial. Este estudo constitui uma pequena contribuição para a educação dos jovens, para que lhes desperte um novo olhar para o patrimônio cultural.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARRION, F. Vinte temas sobre os centros históricos na América Latina. In JOKILETHO, J. et. all. *Gestão do patrimônio cultural integrado*. (pp. 45-50). Recife: UFPE, 2002.
- DUARTE, J. B. Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*. N. 11, pp. 113-132, 2008.
- FONSECA, M. C. L. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC-IPHAN, 2005.
- FUNARI, P. P. & PINSKY, J. *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2007.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HORTA, M. L. P., GRUNBERG, E. & MONTEIRO, A. Q. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.
- LAVILLE, C. & DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MARTINS, J. A. *Projeto pedagógico da Oficina escola de João Pessoa*. João Pessoa, 2001.
- SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.



TEIXEIRA COELHO, J., Netto. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 2004.